

## **EMOCIONES Y COTIDIANIDAD LABORAL: HISTORIA DE UNA TRABAJADORA DOMÉSTICA**

Maria Chalfin Coutinho – Universidade Federal de Santa Catarina – maria.chalfin@ufsc.br

Tielly Rosado Maders – Universidade Federal de Santa Catarina – tiellypsi@gmail.com

Mônica Back Westrupp – Universidade Federal de Santa Catarina – monicabwestrupp@gmail.com

Geruza Tavares D’Avila – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – geruzad@ufrj.br

Mesa 36 – Trabajo y Subjetividad: marcos teóricos-conceptuales para el estudio de los sujetos laborales em la modernidade contemporânea em America Latina

### **1 INTRODUÇÃO**

As transformações no contexto latino-americano convivem com formas tradicionais de trabalho, como o trabalho doméstico remunerado, o qual abarca grande contingente de trabalhadores, em sua maioria mulheres, de baixa renda e escolaridade, revela fortes atravessamentos de classe, gênero e raça, próprios de uma sociedade com heranças escravocratas. Em pesquisa realizada pelo DIEESE (2013), em 2011 haviam aproximadamente 6,6 milhões de pessoas ocupadas nos serviços domésticos no Brasil, a parcela de mulheres correspondia a 6,1 milhões (92,6%).

No Brasil a categoria é alvo de recentes modificações na regulamentação trabalhista. Apesar de muitos avanços nos últimos anos na legislação sobre o trabalho doméstico, ainda existem muitos direitos que necessitam de regulamentação, sejam na forma da lei, portaria ou norma técnica, além da falta de fiscalização para garantir os direitos já conquistados legalmente.

A partir do recorte de uma pesquisa<sup>1</sup> mais ampla, ainda em curso, sobre o cotidiano de trabalhadoras domésticas, apresenta-se a história de vida de uma trabalhadora em serviços domésticos, aqui nomeada de Fernanda, cujo foco de análise foram as mediações afetivas construídas em seu cotidiano.

O presente texto começa com a Fundamentação Teórica, na qual se situa algumas especificidades do trabalho doméstico e são apresentadas as duas categorias essenciais –

<sup>1</sup> Trata-se do projeto “Práticas e produção de sentidos no cotidiano de trabalho”, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A primeira autora é coordenadora do projeto e bolsista Produtividade em Pesquisa também pelo CNPq.

Emoções e Cotidiano. Em seguida apresenta-se o Método da pesquisa e, depois, a análise da história de vida aqui estudada, sintetizada em 3 Núcleos de Significação, quais sejam: as trajetórias sociais, o cotidiano e o trabalho, e os sentidos atribuídos ao trabalho doméstico. Nas considerações finais problematizam-se os principais resultados encontrados e são propostos alguns questionamentos.

## **2 SITUANDO O TRABALHO DOMÉSTICO**

As diversas transformações ocorridas desde as últimas décadas do século XX no mundo do trabalho, especialmente com a reestruturação produtiva, afetaram não apenas os sistemas produtivos, mas também e, substancialmente, os modos de ser dos sujeitos na contemporaneidade. Observa-se uma maior precarização das condições e do próprio trabalho para grande parte dos trabalhadores, além da ampliação do número de trabalhadores atuando no setor de serviços. Particularmente, os serviços domésticos vem sendo alvo de intensa discussão em diversos campos da sociedade brasileira.

Todas estas mudanças, segundo Coutinho, Borges, Graf e Silva (2013), trazem implicações não apenas os sistemas produtivos e relações de trabalho, mas também para a vida cotidiana dos trabalhadores. Em relação ao Brasil, afirmam que a partir dos anos 1990 houve a intensificação da reestruturação produtiva, diante de um quadro de desemprego e flexibilização das relações trabalhistas e, em suas palavras: “observou-se, de um lado, a emergência de novos modos de trabalhar e de se inserir no mercado de trabalho. De outro lado, persistem ou mesmo se ampliam as ocupações informais, tradicionais no país (Coutinho *et al*, 2013, p. 1126).

O trabalho em serviços domésticos configurou-se como uma ocupação tradicionalmente informal e desenvolvida majoritariamente por mulheres, podendo ser considerado como uma forma de prestação de serviços. A conceituação do setor de serviços é um tema controverso, uma vez que os setores se constituem heterogêneos e com caráter multifacetado. Já o termo “serviços” utilizado por Fisher (1952 citado por Andrade, 1994), corresponde àquelas atividades econômicas que se caracterizam por não serem produtoras de bens materiais (Andrade, 1994). As pessoas que trabalham nessa área vivenciam diferentes ligações uma vez que existe um significativo distanciamento entre o produtor e o consumidor, momentos separados no tempo/espço. Contudo, no âmbito do serviço doméstico o consumo do trabalho acontece imediatamente após a sua concretização, ou seja, a produção e o consumo são simultâneos, ocorrem ao mesmo tempo/espço. Quando se acrescenta o cuidado de pessoas, essa relação torna-se ainda mais intensa (Soratto, 2006).

Assim, o trabalho doméstico constitui-se “como trabalho reprodutivo, atividade da qual os seres humanos dependem e reproduzem desde o início da vida social” (Coutinho, Maders, Medeiros & Savanhago, 2014, p. 7), é, portanto, uma atividade que deve ser realizada diretamente por pessoas e quotidianamente.

O “trabalho reprodutivo” é aqui entendido como o trabalho da manutenção da vida e reprodução das pessoas, ou seja, aquele que envolve um conjunto de atividades realizadas na esfera privada e familiar sem as quais a reprodução humana não estaria assegurada, como o cuidado com os filhos e dependentes e as tarefas domésticas (limpeza da casa, preparo das refeições, etc.) (Machado, 2014, p. 61).

No que tange à questão de gênero, cabe lembrar algumas peculiaridades do trabalho feminino apontadas por Diogo (2012, p. 86): “manutenção da segregação ocupacional, acentuada desigualdade salarial, desvalorização cultural do trabalho de mulheres, maiores taxas de desemprego, dupla jornada de trabalho, discriminações quanto aos direitos sociais e trabalhistas e aumento da presença feminina em ocupações precárias”.

No trabalho doméstico, Brites e Picanço (2014) mencionam um aspecto ambíguo e ao mesmo tempo perverso que também se manifesta em outros países: “ao mesmo tempo que absorve e retém as mulheres, em especial, as mais pobres, negras e menos escolarizadas, é, também, fundamental para a libertação de outras mulheres para o ingresso no mercado de trabalho” (Brites & Picanço, 2014, p. 131). Em relação ao Brasil, as autoras evidenciam o quanto ainda repercutem as sequelas da sociedade colonial – escravagista e hierarquizada, assim como das diversas desigualdades entre os/as brasileiros/as, em termos educacionais, econômicos e sociais. Soratto (2006, p. 234) enfatiza, ainda, que as trabalhadoras domésticas não estão protegidas da herança escravagista e hierarquizada que reforça a condição servil, pois esta decorre da combinação entre a natureza da atividade, do contexto privado em que acontece o trabalho e do modo como as pessoas da casa se relacionam com as atividades domésticas. Nesse sentido, a servidão implica estar submetido às necessidades e vontades de outra pessoa (Soratto, 2006).

Quando se analisa o trabalho doméstico é importante considerar o seu exercício no âmbito privado, no qual as contradições das relações de trabalho são invisibilizadas. Brites e Picanço (2014) estimam que 7,4% das unidades domiciliares no Brasil tenham empregadas, sendo as famílias empregadoras, em geral, oriundas da classe média e alta da população. A partir de outras pesquisas sobre serviços domésticos em alguns lugares do mundo, as autoras afirmam existir uma “ambiguidade afetiva” entre patrões e empregadas, a qual acaba por reproduzir certa estratificação social. Em suas palavras, “permite falar que se trata de um amplo processo de produção e reprodução de desigualdades baseado em trocas afetivas,

simbólicas e materiais, aqui chamado de complementaridade estratificada” (Brites& Picanço, 2014, p. 134). As análises das autoras nos levam a refletir sobre o lugar das emoções no cotidiano das trabalhadoras domésticas.

### 3 EMOÇÕES E COTIDIANO

Para situar as emoções que permeiam a vida cotidiana de trabalhadoras domésticas, tomamos como referência uma compreensão de sujeito que age não apenas guiado pela razão, mas também pelos afetos. Essa concepção é encontrada nas obras de Lev Semenovitch Vigotsky (1934/2007, p. 48, grifo do autor), cujos estudos evidenciaram uma “*unidade dos processos afetivos e intelectuais*” tanto nas inclinações do sujeito quanto em seu pensamento.

Vidal (2012), baseado em autores/as franceses, evidencia o quanto a afetividade está presente nas relações entre patroas e empregadas domésticas a partir de uma pesquisa realizada na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil. Para Vidal (2012) a “amizade entre desiguais” retoma a questão sobre o paternalismo evidente nesse tipo de relação, pois

Se o discurso paternalista é, pois um instrumento de que o empregador lança mão para assentar sua dominação, ele dá lugar, sobretudo, a uma duplicidade compartilhada da qual ambas as partes podem esperar tirar proveito, mesmo se as empregadas não ocupam a posição mais confortável nesta troca desigual (Vidal, 2012, p. 181).

Além das relações marcadas pelo paternalismo, Vidal (2012) acrescenta a gratidão à análise da afetividade entre patroas e empregadas, uma vez que essa relação não apresenta características apenas utilitaristas. O autor ressalta o quanto as empregadas domésticas e também seus empregadores/as revelam o apego que possuem uns com os outros e, ao mesmo tempo, o quanto desconfiam uns dos outros. O tema da afetividade complexifica a análise sobre o trabalho em serviços domésticos e, então, aponta para a necessidade de se compreender o cotidiano laboral dessas trabalhadoras.

Quando se analisa a vida cotidiana de trabalhadoras domésticas, cabe lembrar, tal como fizeram Coutinho *et al* (2013), ancoradas em Pais, ser o cotidiano não só um espaço de repetição e rotina, pois nele há também possibilidades da emergência do inusitado. Pais (2010) explica que, em tempos de modernidade reflexiva, o cotidiano é tomado “como um campo aberto à experiência”. Em suas palavras, “[...] a tensão entre estes dois tipos de reflexividade é geradora de situações dilemáticas que fazem com que o cotidiano se assuma cada vez mais como um terreno de negociações, de resistências, de inovações e, conseqüentemente, de dilemas” (Pais, 2010, p. 97).

As compreensões de Certeau (1998) sobre as práticas cotidianas ou “maneiras de fazer” de tipo estratégico ou tático também são relevantes quando se analisa as ações cotidianas. Para o autor, a estratégia “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (Certeau, 1998, p. 46). Opostamente, o lugar ocupado pela tática é sempre o do outro, onde o “fraco” busca assegurar alguma independência por meio das circunstâncias, uma vez que ele não dispõe de uma base para “capitalizar seus proveitos”. As táticas constituem a “arte do fraco”, pois: “[...] pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para `captar voo` possibilidades de ganho. O que ele ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ‘ocasiões’” (Certeau, 1998, p. 47).

Tendo em vista o lugar de subalternidade tradicionalmente ocupado pelas trabalhadoras domésticas, conhecer suas práticas cotidianas remete às táticas, tal como propõe Certeau (1998). Como forma de compreender essas táticas, bem como as emoções que permeiam o cotidiano laboral de trabalhadoras domésticas buscamos analisar a história de vida de uma trabalhadora doméstica.

#### **4 MÉTODO**

Tendo como referência as articulações entre emoções e cotidianidade acima apontadas, buscamos compreender a vida cotidiana de uma trabalhadora doméstica por meio de sua história de vida. Esse método, inserido no amplo campo das abordagens biográficas, se efetiva quando se solicita a alguém para rememorar sua vida (Silva, Barros, Nogueira & Barros, 2007). De acordo com Queiroz (1988), a história de vida, ao lado de outras modalidades de história oral, “...se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu” (Queiroz, 1988, p. 20).

Para apreender a história de Fernanda, trabalhadora doméstica participante da investigação, foram realizadas 3 entrevistas e duas produções gráficas: Trajetória Socioprofissional e Agenda Colorida. As entrevistas tinham um roteiro norteador com algumas temáticas a serem exploradas. O roteiro, usado de forma flexível, não impediu a relação cordial e direta com a participante do estudo, conforme sugere Zago (2003). As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. As produções gráficas consideradas como instrumentos complementares da pesquisa, constituíram-se como elementos disparadores da fala da entrevistada.

A Trajetória Sócio-Profissional (TSP), ferramenta proposta por Gaulejac (2014) e adaptada por Soares e Sestren (2007), consiste em um recurso por meio do qual o participante representa graficamente sua trajetória pessoal e familiar articulada com a história social. O segundo instrumento complementar utilizado foi a agenda colorida, que consiste em um registro semanal das atividades realizadas durante cada hora do dia (Soares & Costa, 2011). A partir dessa produção, a participante pôde expressar suas vivências cotidianas.

A análise das informações levantadas, quais sejam, as transcrições das entrevistas, foi realizada por meio dos Núcleos de Significação, em procedimento inspirado em Aguiar e Ozella (2013). Num primeiro momento houve a apreensão dos sentidos do discurso do sujeito, seguindo as etapas de leitura flutuante e organização do material em pré-indicadores, aglutinação dos mesmos e, finalmente, a construção dos Núcleos de Significação. No presente artigo, são apresentados os 3 Núcleos de Significação construídos: Trajetórias sociais, Trabalho e Cotidiano e os Sentidos atribuídos ao trabalho doméstico.

## **5 A HISTÓRIA DE FERNANDA**

Fernanda, a interlocutora desta pesquisa, tinha 45 anos no ano dos encontros investigativos e, apesar de residir na capital atualmente, é proveniente do interior do estado de Santa Catarina, localizado na região sul do Brasil. Ela frequentou a escola por pouco mais de 1 ano, mora com os 3 filhos, sua nora e o companheiro, cujo vínculo é a união estável. A renda média mensal é em torno de em torno de 2 salários-mínimos<sup>2</sup>.

Desde muito cedo, Fernanda dedica-se ao trabalho, tendo abandonado os estudos para auxiliar a seus pais na pequena propriedade rural em que moravam, onde capinava mato, plantava milho e mandioca. Aos 9 anos foi levada por sua madrinha para trabalhar como empregada doméstica na casa de uma família. Aos 15 anos, ela conhece uma mulher da capital e vai trabalhar em sua casa, permanecendo neste emprego por 4 anos. Durante alguns meses, ela passa a morar com um namorado e, também, com sua irmã em uma favela, mas em seguida volta a residir com seus empregadores, quando também fica grávida de seu primeiro filho. Fernanda permanece nesse emprego até seu filho completar 3 anos, depois trabalha em outra residência durante um ano e, em seguida, em função da dificuldade em conciliar trabalho e a criação do filho pequeno, o deixa sob os cuidados de sua família, em sua cidade de origem. Ao retornar para a capital, consegue empregar-se em outra casa por 9 meses,

<sup>2</sup>O valor do salário-mínimo vigente no Brasil em 2014 era de R\$ 724,00. Considerando a cotação aproximada do dólar em abril de 2014, quando aconteceram as entrevistas, a renda de Fernanda corresponderia a cerca de US\$ 600.

quando conhece seu atual marido e se casa, tendo seu segundo filho aos 30 anos e o terceiro um ano e 9 meses depois. Durante as duas gestações trabalhou com em unidades familiares com vínculos formais de trabalho, mas depois que os filhos nasceram começou a trabalhar informalmente. Só voltou a trabalhar formalmente há 3 anos quando sua atual empregadora engravidou e pediu para Fernanda trabalhar “fixo” em sua casa.

Atualmente, além do seu trabalho com registro formal com uma jornada de aproximadamente 10 horas diárias, ela trabalha como diarista fazendo a limpeza de duas outras residências, de quinze em quinze dias, e vende produtos de beleza. Possui planos de comprar um apartamento financiado por um projeto governamental de habitações populares e morar com seus filhos, também sonha em ter um negócio próprio e parar de trabalhar como empregada doméstica.

## 5.1 TRAJETÓRIAS SOCIAIS

A trajetória social de Fernanda é bastante similar à de outras mulheres que atuam nos serviços domésticos no Brasil, mas guardando, obviamente, algumas peculiaridades. Num primeiro momento, abarcam-se as semelhanças.

Conforme mencionam Brites e Picanço (2014), há uma redução do número de jovens atuando nesse setor que, assim, abre possibilidades de inserção e permanência para mulheres em idade mais avançada “reduzindo a forma de recrutamento comum durante muitas décadas, que procurava adolescentes meninas para trabalhar como domésticas a título de oferecer melhores oportunidades de vida e, em alguns casos, escolarização” (Brites & Picanço, 2014, p. 139). No caso de Fernanda, ela foi levada por outra mulher de sua família para atuar em uma unidade familiar com apenas 9 anos de idade, com a finalidade de trabalhar.

Como explicitado por Brites e Picanço (2014), em alguns casos, há o recrutamento de meninas para o trabalho doméstico em troca de melhorias de oportunidades e até mesmo escolarização, no entanto, no caso de Fernanda, não houve a possibilidade de ela voltar para escola. Fernanda frequentou a escola por apenas 2 anos e hoje somente lê e escreve o seu nome. Mesmo antes de ser recrutada para o trabalho “fora de casa” pela sua madrinha, ela já tinha parado de estudar devido ao trabalho “dentro de casa”.

Importante mencionar também a reprodução dos estereótipos de gênero pelos familiares de Fernanda, antes de ela sair da casa de seus pais. Assim, ela e suas irmãs realizavam o trabalho “dentro de casa”, enquanto seus irmãos ajudavam os pais no serviço “fora de casa”, o que se perpetua até os dias atuais.

[...] Comigo são 7, tem 2 meninos e 5 meninas, elas também tão tudo, só os dois meninos que tão morando lá com a minha mãe, o mais moço e o mais velho, o resto tão tudo pra cá. As irmãs, tudo tão fazendo a mesma coisa que eu faço [...] minha mãe sempre trabalhou no sítio, em casa mesmo, negócio de roça... [...] Negócio de lenha, madeira, carvão essas coisas que eles fazem lá [referindo-se ao pai e aos irmãos]. (Fernanda)

Nesse sentido, Diogo (2012) explica que os estereótipos de gênero “são resistentes a revisões e mudanças, pois derivam de naturalizações que ocultam a produção social das diferenças entre homens e mulheres, inocentando-as por intermédio do discurso biologizante” (Diogo, 2012, p. 100). No relato da entrevistada sobre as ocupações diferenciadas de homens e mulheres em sua família, se observa a reprodução dos lugares de gênero. Diante da necessidade de ajudar suas famílias e, uma vez que não possuíam escolaridade suficiente para disputar outros lugares no mercado de trabalho, se observa alternativas diferentes de inserção ocupacional para meninos e meninas na família de Fernanda, colocando-se para as mulheres o trabalho doméstico, como também apontado na pesquisa de Brites e Picanço (2014).

[...] se por um lado, o trabalho doméstico é dotado de baixo prestígio, por outro, é através dele que mulheres jovens e adultas com baixa escolarização, pouca qualificação profissional, pouco domínio de ferramentas e habilidades sociais valorizadas, tais como “comportamento social adequado”, falar corretamente e se vestir adequadamente para disputar melhores posições no mercado de trabalho, conseguem participar da sociedade de consumo. (Brites & Picanço, 2014, p. 138).

Foi nessa dualidade que Fernanda conseguiu ajudar seus pais, num primeiro momento de sua vida e, em seguida, sustentar a si mesmo e aos seus 3 filhos. Hoje, ela e o companheiro são corresponsáveis pelo sustento familiar.

Outro aspecto em relação ao gênero refere-se aos momentos de gravidez na vida de Fernanda. Se por um lado, foi a gestação e o nascimento dos filhos que acabaram por impedi-la de continuar no trabalho doméstico com vínculo formal e a atuar na informalidade como diarista, uma vez que os/as empregadores/as não “aceitavam” empregadas com filhos/as; por outro lado, foi a gestação de sua última patroa que determinou que se “fixasse” como empregada com vínculo formal de trabalho nessa unidade familiar. Diogo (2012), em pesquisa sobre as mulheres atuantes no setor de vigilância, identificou a gravidez como um dos principais transtornos pelos gestores entrevistados naquela pesquisa e, assim, as mulheres vigilantes grávidas, então, acabavam sendo afastadas do seu emprego tão logo suas barrigas iam crescendo e aparecendo.

Para Fernanda, a gravidez e a maternidade trouxeram mudanças para sua trajetória ocupacional, o que também foi relatado pelas trabalhadoras domésticas entrevistadas por



Coutinho *et al* (2013). Para as autoras: “Elas também relatam entradas e saídas no mercado de trabalho, ocasionadas principalmente por contingências pessoais e/ou familiares, como mudança de cidade (para acompanhar os pais ou o marido), gravidez, nascimento ou doença de filhos” (Coutinho *et al*, 2013, p. 1132).

Outro aspecto da trajetória de Fernanda similar ao de outras trabalhadoras domésticas, se refere às entradas e saídas no mercado de trabalho doméstico. Estas foram determinadas especialmente pelas redes de relações sociais de Fernanda, e em suas palavras “*A maioria assim, nesse prédio aqui eu trabalhei em todos, eu conhecia, então uma passava pra outra né, uma precisava, a gente fazia amizade né [...] foram indicando...*” (Fernanda).

Como apontado por Girard-Nunes e Silva (2013) a articulação em redes assim como as relações de confiança estabelecidas são importantes para o funcionamento de alguns mercados, o que inclui o mercado das trabalhadoras domésticas. Esses autores também chamam atenção para algumas mudanças em relação ao uso dessas redes sociais, pois diferente de anos anteriores – em que a empregadora acionava sua rede de relações sociais para contratar uma trabalhadora doméstica, “as próprias empregadas passaram a utilizar suas redes sociais como modo de conseguir o emprego ou de possibilitar a entrada de outrem” (Girard-Nunes & Silva, 2013, p. 598). Assim, as pesquisas mencionadas por Girard-Nunes e Silva (2013) acerca das redes de relações sociais reafirmam o que Mark Granovetter aponta quanto a importância das redes de sociabilidade para o entendimento econômico dos mercados, uma vez que o próprio mercado de trabalho é imerso nessas redes.

Em seus projetos, Fernanda prospecta a compra de uma casa e ter seu próprio negócio, e não deseja voltar aos bancos escolares. De todo modo, na presente pesquisa como no estudo de Coutinho *et al* (2013, p. 1133) “em geral, as diaristas entrevistadas não apresentam planos estruturados relativos à sua vida laboral futura”.

## **5.2 TRABALHO E COTIDIANO**

O cotidiano do trabalho doméstico inclui uma gama bastante variada de atividades e funções que, quando tratadas indistintamente, “em um mesmo pacote”, acabam por salientar apenas características negativas, como a repetição e a rotina (Soratto, 2006). Uma vez que esse contexto de trabalho se dá no âmbito da vida privada, compreendê-lo em seus múltiplos entrelaçamentos torna-se, no mínimo, desafiador.

É nesse sentido que a análise das práticas cotidianas ocupa um lugar de excelência, pois como colocam Coutinho, Oliveira e Sato (2015, no prelo), é no cotidiano que a vida

acontece e, por meio dele, é possível evidenciar os processos micropolíticos, as práticas astuciosas, os modos de ser e não apenas as repetições.

Em relação à rotina e variabilidades do trabalho doméstico realizado por Fernanda, é válido diferenciar três formas já identificadas pelas autoras em estudo anterior com outras empregadas domésticas: o trabalho doméstico formal, exercido com carteira assinada, em que ela possui vínculo empregatício formalizado; o trabalho doméstico informal, sem carteira de trabalho, exercido por ela intercaladamente, em duas residências fixas, 2 vezes ao mês em cada; e, por fim, o trabalho doméstico não remunerado realizado em sua própria residência (Coutinho *et al*, 2014).

Fernanda acorda às 7h, toma café e vai a pé para o trabalho, demora entre 10 e 15 minutos para chegar lá. Trabalha neste mesmo lugar há 3 anos e meio, com registro formal em sua carteira de trabalho. Sua jornada é de segunda a sexta feira, das 7:30h às 16h. Quando chega ao trabalho:

[...] Tem que fazer o básico né, o básico é passar aspirador, passar pano, tirar o pó, dar uma limpada boa nos banheiros, arrumar as camas, ajeitar tudo, fazer o almoço, colocar na mesa, depois do almoço, lavar toda a louça, botar na máquina a louça né, passar pano na cozinha, ajeitar tudo, estender roupa, botar roupa na máquina e estender, tudo isso tem que fazer. (Fernanda)

Mesmo que realize várias atividades fixas e, por isso, repetidas todos os dias, seu cotidiano de trabalho é organizado a cada dia de forma diferente, pois como ela realiza esse trabalho durante a semana, pode distribuir diversas atividades em diferentes momentos ao longo dos dias: “[...] aí hoje eu fiz o lanche coletivo da T., tirei a louça do café, depois coloquei a roupa na máquina, depois eu adiantei o almoço, depois fui arrumar as camas” (Fernanda).

No apartamento onde Fernanda trabalha, mora sua “patroa”, o marido e suas 3 filhas, de 3, 5 e 13 anos. Assim, além das outras tarefas relacionadas a limpeza, organização e preparo de alimentos também exerce o cuidado das 3 crianças, “acontece um acúmulo de papéis quando para tudo a família tem que ser servida, porque o servir é constante e interrompe e atrasa os outros serviços que são fixos (Soratto, 2006, p. 242). Podemos perceber no relato de Fernanda:

[...] daí vou fazendo um pouquinho cada dia, porque tem as pequeninhas né, não dá para fazer a faxina tudo num dia, aí tem um dia que tu limpa os vidros, no outro tu limpa os banheiros, como ontem eu faxinei os banheiros, aí hoje eu fiz o resto, não dá pra fazer tudo num dia porque as duas ficam de manhã em casa comigo, e a M. e a T. brigam muito (Fernanda).

Como aponta Soratto (2006), “a presença de crianças também tem grande influência na quantidade de serviço da casa e no ritmo que precisa ser imposto à execução dos serviços” (p.150). O cuidado no ambiente doméstico tem a finalidade de “atender às necessidades humanas concretas, emocionais e psicológicas, pressupondo uma interação face a face entre quem cuida e quem é cuidado, em uma relação de interdependência, de suporte ao cuidado ou trabalhos de cotidiano, tais como a preparação da comida, a realização da limpeza da casa e o cuidado de pessoas” (Marcondes, 2014, p. 82). A limpeza e a arrumação da casa, nessas ocasiões, são realizadas constantemente e nunca cessam, fazendo com que haja uma reorganização do trabalho ao longo do dia e um decorrente aumento da quantidade de trabalho para dar conta ao final da jornada, acentuado pelo tempo despendido às atividades de cuidado. Sato e Oliveira (2008) apontam a complexidade existente em gerir o cotidiano de trabalho, o qual no caso do trabalho doméstico remunerado, implica uma constante negociação entre as diferentes pessoas envolvidas e se revela para além da prescrição e obediência:

[...] Aí adianto o almoço, vou arrumar as camas e depois eu volto para acabar o almoço, vou fazendo o almoço e vou fazendo o serviço da casa assim, daí de tudo faço um pouquinho né, daí a pequena fica junto e tenho que olhar ela né (Fernanda).

As demandas de trabalho e cuidado se intensificam na presença das crianças, o que faz com que Fernanda passe a manhã em função delas, atrasando as demais atividades. Dessa forma percebemos que a dinâmica e características da família definem a quantidade e tipos de serviços e também o ritmo com que será realizado. Em dias corridos “a jornada pode ser ocupada de forma ininterrupta e em ritmo acelerado, o que significa ficar em pé e em movimento o tempo inteiro” (Soratto, 2006, p. 152).

[...] O tempo é curto para fazer tudo e tem muita coisa para fazer no dia, eu não sento, das sete e meia da manhã às quatro da tarde eu não sento, para almoçar é bem rapidinho ali, come e já joga a louça na pia, já tem que ir correndo fazer as coisas porque não dá tempo de terminar [...] só na pia é duas três horas que tu fica lá na cozinha, tem um monte de panela, que não vai na máquina, vai só os pratos, tem fogão para arear, roupa para recolher e outra para tu dobrar e estender, já tem roupa para ti passar, então é muita coisa. E o dia eu acho muita correria, porque tem as crianças também, quando elas não tão, dão uma saída com a mãe, ah eu adianto muita coisa, aí é bem rapidinho né, porque daí elas não tão (Fernanda).

A dinâmica e movimentação da casa é mais intensa quando seus membros se encontram presentes, pois estes demandam o atendimento imediato de suas necessidades, principalmente quando há crianças, acumulando as novas tarefas às que já estavam previamente definidas, o que acelera o ritmo de trabalho e configura um esquema menos flexível de distribuição dos serviços (Soratto, 2006).

Além do trabalho fixo nesta residência, toda quinta feira após o expediente, Fernanda trabalha como faxineira em dois outros apartamentos do mesmo prédio, intercalando de 15 em 15 dias um local e outro.

Então, eu entro sete e meia e saio as quatro, daqui eu vou pra outro serviço, não tem horário de sair, porque como eu já entro as quatro, fico até terminar. É aqui mesmo [...] Mas faz a mesma coisa, só que lá tu faz tudo num dia, aqui tu tem direito de todo dia fazer um pouco de cada, não precisa fazer tudo. Só tens que fazer todo dia o almoço, passar pano todo dia, mas fazer uma faxina como diarista é diferente, chega lá tu faz tudo, tudo tudo, só não faz almoço, mas tu passa roupa, faz tudo (Fernanda).

Podemos identificar diferenças em relação as atividades realizadas por Fernanda no local fixo e no trabalho de diarista. No local fixo, como vimos acima, Fernanda intercala atividades de cuidado com as demais tarefas e tem certa flexibilidade e autonomia para a organizar seu cotidiano de trabalho, podendo separar determinadas atividades por dias da semana. Já no trabalho como diarista, tudo deve ser feito em apenas um período de tempo, e não há atividades relacionadas ao cuidado.

Em relação ao trabalho de diarista, Fernanda coloca que “é de chegar em casa e as costas estarem ardendo”. Nesse sentido, a faxina é colocada como sendo um trabalho mais cansativo e como uma atividade de limpeza mais pesada, “que demandam mais esforço físico, como limpar janelas, banheiros, vidros e tapetes” (Machado, 2014, p. 62). Para Soratto (2006), mesmo realizado em boas condições, “os serviços domésticos não poupam o corpo, pela própria natureza das atividades, que sempre demandam algum tipo de esforço físico para a sua realização” (p. 158).

A repetição em suas tarefas é enfatizada a todo momento por Fernanda: “Todo dia quase mesma coisa. Não muda. Serviço doméstico não muda”; “Mas é bem isso que eu falei para vocês, não posso contar diferente porque é todo dia a mesma coisa”. O que confere o caráter de cristalização e repetitividade no trabalho doméstico tanto remunerado quanto não remunerado. Para Machado (2014), essa percepção de repetição do trabalho doméstico “é reforçada pelo fato de que as tarefas não se esgotam nas casas de seus patrões: chegando a suas casas, elas têm que cuidar novamente de tarefas domésticas e de sua família” (p. 70).

Após o expediente de trabalho, Fernanda vai para sua casa, onde as tarefas domésticas se repetem, como podemos perceber em sua fala:

É a mesma rotina que eu tenho aqui, não gostaria de chegar e fazer tudo o que eu faço que eu to morta de cansada, vontade de sentar, porque depois que eu sento eu não tenho vontade de levantar de tão cansada, aí eu chego em casa, eles não lavam a louça aí eu lavo a louça, as vezes o banheiro tá para faxinar e eu vou lá e faxino, a casa tá para varrer e eu já varro, a roupa tá jogada pelo chão e já junto e boto lá no cesto, aí eu pego e faço tudo, faço aquela limpeza geral assim né. Aí quando eu olho já são onze

horas, a hora passou assim, daí eu vou correr para tomar um banho e dormir, e eu não vi a hora passar, trabalho tanto que não vejo a hora passar (Fernanda).

Ávila e Ferreira (2014) ressaltam que as mulheres “são as principais realizadoras das inadiáveis, incessantes, repetitivas e incontornáveis” (p. 23) tarefas domésticas. A dupla jornada se configura e no caso das trabalhadoras domésticas, significa mais um turno da mesma atividade realizada em seu trabalho remunerado (Soratto, 2006).

Olha, descanso? Eu não falei para vocês, mas sábado e domingo são os dias que eu mais trabalho em casa, eu não paro, porque eu vou organizar os guarda-roupas, entendeu? Porque daí tá uma bagunça, vou dobrar roupa, vou tirar roupa, vou ver se tem roupa para lavar, aí vou lá no quarto da menina, vou ajeitar, vou perguntar se tem roupa para lavar, então eu não paro, minha nora que diz, para minha sogra, deita um pouquinho, ah mas é os dias que eu tenho para ajeitar as coisas, não dá. Ah eu vou e passo pano, varro, aí as vezes o marido tá em casa daí suja muita louça, agora já tá mais comportado de tanto eu pegar no pé (Fernanda)

Fernanda ressaltou que seu marido não a ajuda com as tarefas domésticas da casa, e em relação ao sustento da família, contribui com muito pouco, revelando uma sobrecarga no cotidiano de Fernanda e a desresponsabilização de seu marido quando se trata dos cuidados com a casa. Conforme Ávila e Ferreira (2014), a divisão sexual do trabalho pode ser identificada no interior da esfera do trabalho reprodutivo por meio da distribuição desigual de trabalho entre mulheres e homens em suas casas. Além disso, como aponta Machado:

É hábito entre as mulheres ouvidas na etapa qualitativa fazer o que é considerado mais urgente e simples durante a semana (o “tapinha”) e usar os finais de semana não como um momento de descanso do trabalho remunerado, mas como o momento para realizar as tarefas que não foram exercidas durante a semana (a “faxina”) (Machado, 2014, p. 62).

Ainda, como forma de complementar sua renda mensal e contribuir mais ainda para o sustento da família, Fernanda vende alguns produtos de beleza e higiene, prática essa também relatada por algumas trabalhadoras domésticas entrevistadas por Coutinho *et al* (2013).

Em meio a um cotidiano constituído por diversas atividades de trabalho, cristalizadas e aceleradas, remuneradas e não, a rotina de Fernanda se apresenta extremamente cansativa e evidenciam a multiplicidade de tarefas com as quais ela está comprometida. Porém, é nesse tempo/espço que conseguimos identificar algumas táticas certeaurianas (Certeau, 1998). A filha mais velha da patroa, de 13 anos, vai junto com sua mãe para o trabalho, pois a difícil relação com ela atrapalham o trabalho de Fernanda.

[...] Não, mãe dela leva ela porque ela é muito malcriada, a gente não se dá muito certo, ela me enfrenta entendeu? Aí a mãe dela leva ela, também porque muita coisa errada que ela faz, com as irmãs, ela estraga os brinquedos das irmãs, ela pinta, corta os

cabelos das bonecas das irmãs, então a mãe dela leva ela para ela não ficar em casa aprontando (Fernanda).

Nesse sentido, houve uma negociação entre Fernanda e sua patroa. A tática de Fernanda foi ressaltar que a presença da menina em casa acabava por atrasar e as vezes até impedir a realização de algumas tarefas relativas ao trabalho de limpeza e organização da casa. Fernanda aproveitou uma reclamação de sua patroa, referente a alguns serviços domésticos que não foram finalizados, para justificar a necessidade dela retirar sua filha de casa no período da tarde; aproveitando os espaços para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante (Certeau, 1998).

### **5.3 SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO TRABALHO DOMÉSTICO**

De acordo com Diogo (2005, p.59), o trabalho feminino se caracteriza pela “descontinuidade da inserção no mercado de trabalho; a desvalorização cultural e a segregação ocupacional; a baixa qualificação; a grande presença feminina em postos de trabalho vulneráveis e o maior índice de desemprego”. Além disso, é marcado por uma sobrecarga de trabalho, pois a grande maioria das mulheres possuem o trabalho remunerado e o não remunerado, ou seja, aquele executado dentro das suas próprias casas.

O relato de Fernanda evidenciou que conta com a ajuda dos filhos nas atividades domésticas em sua casa, mas ela era a principal encarregada pelos afazeres domésticos. Apesar das críticas de seu marido, procurava incentivar a participação dos filhos homens no trabalho doméstico.

Até o mais pequeno e a outra, todos eles, fazem tudo, um lava a louça, outro arruma cama, varre a casa, passa pano, e meu marido não concorda, diz que ele pode virar fruta. Ele não vai virar, porque quando ele for morar sozinho, for independente, vai fazer tudo sozinho, não vai precisar pedir pra alguém fazer pra ele ou deixar tudo sujo, ele já sabe. Então, acho que não tem que ser só mulher trabalhar de serviço doméstico, homem também pode e deve (Fernanda).

A entrevistada tenta combater a naturalização do trabalho doméstico como dever feminino e ensinar aos filhos que este é um trabalho que pode ser feito por qualquer pessoa, independente do sexo. Com isso, percebemos que ainda hoje, é muito presente a ideia de que cabem às mulheres as responsabilidades por toda a esfera do lar.

O trabalho doméstico carrega um peso de desvalorização mais elevado do que o observado em outras ocupações femininas. Soratto (2006) aponta como possíveis motivos: a falta de status deste serviço na economia, por não ser considerado lucrativo; aspectos da atividade em si; confusão do público e privado; diferenças entre as classes sociais de quem

presta o serviço e do prestador; a imagem de trabalho pouco qualificado, o qual não é requerido um conhecimento prévio; além do fato de que o trabalho doméstico remete ao trabalho servil, escravo, aquele que é degradante e indigno. Na entrevista com a trabalhadora doméstica, aparecem trechos que refletem como estas concepções estão difundidas culturalmente.

Já trabalhei em casa que foi muito ruim, da mulher querer me humilhar na frente dos outros, aí eu saí. [...] Ela me humilhou, disse que se eu não tivesse uma empregada para limpar, ela fez ali como se fosse uma escrava, aí na hora eu disse, eu sinto muito, eu tô cheia de conta pra pagar, mas eu prefiro me virar e trabalhar em outro lugar, eu sou muito honesta e vou sair, e saí. (Fernanda).

Como visto, o trabalho doméstico é realizado predominantemente por mulheres de camadas populares, com baixo nível de escolaridade e com pouca qualificação profissional, devido principalmente a desvalorização deste tipo de serviço. O que fica evidenciado nas falas da entrevistada é que não estaria no trabalho doméstico se tivesse a oportunidade de estudar quando mais nova. Desta forma, pela baixa escolaridade e quase nenhuma qualificação para o mercado de trabalho, o serviço doméstico é visto como sua única opção, porém idealiza uma mudança de emprego.

É como eu te falei, se eu soubesse ler e escrever, e tivesse mais estudo, com certeza que eu tinha vontade. [...] Eu não tenho assim, tanta escolha, como falei pra vocês, tinha vontade de não trabalhar assim, não é um serviço que eu não goste, é um serviço que como vou falar pra vocês, que é enjoado, serviço muito mandado, queria ser independente, queria ter o meu serviço, meu próprio negócio. (Fernanda).

Além de relatar que gostaria de realizar outro serviço, que não fosse o doméstico, por ter que obedecer à outra pessoa, foi possível observar ambiguidades no discurso da entrevistada em relação ao trabalho doméstico. Primeiramente relata que é um “serviço bom”, mas logo surgem termos depreciativos como “muito pesado” e “muito ruim”. Então, apesar de gostar do trabalho, as atividades que desempenha são cansativas e exigem muito esforço físico. “Eu acho que empregada doméstica é um serviço bom, não é ruim, mas só que é muito cansativo, muito pesado, muito ruim, assim, eu gosto de trabalhar, mas acho muito cansativo” (Fernanda).

A centralidade que possui o trabalho na vida de Fernanda decorre deste se constituir em sua principal fonte de sustento e oferecer segurança financeira. Em pesquisa realizada por Coutinho *et al* (2013), com trabalhadoras domésticas sem vínculo formal, o sentido de trabalho também é relacionado ao sustento material, indicado como uma característica do capitalismo, no qual o trabalho é visto apenas como uma forma de sobrevivência.

Importante é que tu trabalha e no final do mês tu recebe né, que é importante, tu tem bastante conta e dívida pra pagar, isso é muito bom, tu trabalhar e chegar no fim do mês e receber teu salário, isso é bom (Fernanda).

Barbosa (2013) discute que as atividades domésticas são historicamente desvalorizadas e não reconhecidas como trabalho pela sociedade, o que está relacionado à questões de gênero, etnia e classe social. Podemos conferir na fala de Fernanda que a desvalorização do trabalho doméstico está muito presente, ela se queixa que seu trabalho não é estimado da maneira que deseja pelos outros.

É que tu limpa e às vezes tu acha que a pessoa vai lá e não dá valor aquela limpeza que tu fez, daí eu fico chateada, eu discuto isso, que eu acho que se tu passou tanto tempo pra limpar e a pessoa vai lá e suja, isso é ruim, não te deu valor aquilo que tu deixou o quarto brilhando, isso que eu fico chateada. (Fernanda).

Fernanda relata que teve dificuldades para obter um reconhecimento do seu trabalho, apenas quando ameaçou sair do emprego atual ocorreu uma mudança de atitude pelas pessoas que usufruem de seu trabalho, que perceberam a importância de valorizar aquele serviço, ajudando a manter a limpeza, fato que confirma a invisibilidade deste tipo de serviço.

Eu vejo que as pessoas assim, ajudam a manter, ajudam a cuidar, entendes? No começo até era diferente, mas de um tempo pra cá eu comecei a querer sair porque tava muito cansada, aí começou a mudar, eu também comecei a falar, que todo mundo tinha que colaborar, porque se não, não dava né, porque é pesado, não é fácil trabalhar de doméstica. (Fernanda).

Para Soratto (2006), o reconhecimento é importante na medida que é através dele que o sujeito tem uma confirmação que seu trabalho foi bem-feito e tem uma utilidade para quem se destina. Também é com o reconhecimento que se constitui uma ligação afetiva, pois informa indiretamente um apreço pelo trabalho e a vontade de que esta relação se mantenha. Dessa forma, quando o trabalho é reconhecido e valorizado, contribui para que o sujeito possa adquirir um sentido pessoal ao trabalho. Principalmente nos serviços domésticos, fica evidente a necessidade do reconhecimento, devido ao esforço físico e emocional despendido, mesmo que o produto do trabalho seja consumido rapidamente.

Nos serviços domésticos a construção de vínculos afetivos é essencial e surge como uma necessidade, seja de manter uma ligação afetiva, de expressar sentimentos ou de controle das emoções. A autora aponta a necessidade de controle das emoções como forma de manter uma relação harmônica com os membros do domicílio. A convivência cotidiana com as pessoas do ambiente de trabalho cria laços afetivos principalmente com as crianças, pois são as que permanecem em maior contato com as trabalhadoras (Soratto, 2006).



Como podemos ver nas falas de Fernanda, quando é perguntada se gosta de seu trabalho, o que se destaca não é a atividade em si, mas a relação que possui com a criança mais nova da casa, de quem cuida desde seu nascimento.

Ah como é que eu vou te dizer, é gostoso, eu gosto de todo mundo na casa, eu amo a pequeninha, eu criei ela desde bebezinha, adoro ela. [...] É, dessa casa, ela também me adora, então é um amor, sinto assim uma paixão por ela. (Fernanda).

É, a mais novinha, eu amo ela, adoro ela. Eu venho trabalhar mesmo porque eu adoro ela, eu chego aqui de manhã, eu acho até engraçado, ela fala: “a minha [apelido]”, ela vem e abraça, “a minha [apelido] papai”, ela fala, ela vem e me abraça, me beija, me beija, ai eu digo: “ai que amor”, eles ficam com ciúmes, ai eu falo: “não fica com ciúme não, ela é tua também” [...]. (Fernanda).

Analisando seu cotidiano de trabalho, percebemos que ele é permeado por emoções ambíguas. Mesmo a entrevistada considerar o trabalho doméstico cansativo e desvalorizado pelos outros, o forte vínculo afetivo com a filha mais nova dos patrões faz com que ela continue no atual emprego, o que revela a grande importância do afeto em seu trabalho. Quando fala do trabalho em si e das atividades que realiza, utiliza termos como “cansativo”, “pesado” e “ruim”, em contrapartida, quando descreve sua relação com a criança mais nova que cuida, usa palavras como “gostoso”, “amor”, “paixão”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias de vida permitem captar “... o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social” (Queiroz, 1988, p. 36). A análise da história de Fernanda evidenciou os cruzamentos entre as singularidades de sua vida cotidiana e o contexto histórico, econômico e social no qual se inserem as trabalhadoras domésticas. Por meio da história de nossa interlocutora de pesquisa foi possível observar o quanto o estudo das emoções em seu cotidiano laboral é relevante para compreender as especificidades da relação de trabalho em serviços domésticos.

Em relação ao cotidiano do trabalho doméstico, este apresentou-se de maneira paradoxal. Por um lado, destacou-se como repetitivo e rotineiro e, por outro, revelou-se um espaço/tempo possível para que Fernanda, a partir de tática sutis, garanta algumas possibilidades de exercer controle sobre seu processo de trabalho.

É possível ainda observar que, por um lado temos o avanço das regulamentações trabalhistas que protegem as trabalhadoras domésticas com vínculo formal de trabalho e, por outro, um aumento significativo da categoria de trabalhadoras domésticas “diaristas”, as quais

crecem pautadas na informalidade. Nesse sentido, cabe considerar que a entrevistada além de atuar no trabalho doméstico formal, com uma extensa jornada de trabalho, tem necessidade de complementar sua remuneração por meio de atividades informais como diarista e na venda de produtos de beleza e higiene. A extensa e exaustiva rotina de trabalho de Fernanda, na qual se combinam atividades remuneradas formais e informais com os afazeres domésticos não remunerados, são exemplares da vida cotidiana de trabalhadoras domésticas. São as astúcias nos modos de gerir a vida cotidiana que permitem a essas trabalhadoras combinar e dar conta de todas estas atividades de trabalho.

Na introdução assinalamos o quanto as mudanças no contexto latino-americano se fazem ao lado da persistência de formas tradicionais de trabalho como o trabalho doméstico. Persistem as desigualdades de gênero, geração, classe, entre outras; evidenciadas na história de Fernanda, uma mulher trabalhadora, de baixa escolaridade e cuja ocupação como empregada doméstica se coloca como única possibilidade, do mesmo modo que outras mulheres de sua família. Ressalta-se aqui a importância da continuidade de pesquisas centradas em formas tradicionais de trabalho na América Latina, evidenciando seus modos de ser e se emocionar no cotidiano de trabalho.

## 7 REFERÊNCIAS

Aguiar, W. M. J. de & Ozella, S. (2013). Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 94 (236), 299-322.

Andrade, M. V. (1994). *Setor de serviços no Brasil: a dualidade revisitada*. Dissertação (Mestrado em Economia), CEDPLAR, Universidade Federal de Minas Gerais.

Ávila, M. B. & Ferreira, V. (2014). Trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano das mulheres brasileiras. In Ávila, M. B. & Ferreira, V. (Orgs). *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. Instituto Patrícia Galvão. (pp. 13-50). Recife: SOS CORPO.

Barbosa, L. C. (2013). *Trabalho doméstico: uma análise das condições de trabalho das empregadas domésticas sindicalizadas no município de João Pessoa-PB*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

Brites, J. & Picanço, F. (2014). O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas. *Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho*. 19(31), 131-158.

Certeau, M. de (1998). *A invenção do Cotidiano*. Artes de fazer. (3ª ed.). Tradução de Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes.

Coutinho, M. C., Oliveira, F. & Sato, L. (no prelo). Olhar o cotidiano: percursos para uma psicologia social do trabalho. *Psicologia USP*: São Paulo.

Coutinho, M. C.; Maders, T. R.; Medeiros, M. M. & Savanhago, L. (2014). Práticas e produção de sentidos no cotidiano de trabalhadores/as domésticas. In: *Anais do V Seminário Trabalho e Gênero & III Sem. Intern. do PPGCS*, Uberlândia/MG. (p.1-15).

Coutinho, M. C.; Borges, R.C.; Graf, L. & Silva, A. S. da (2013). “Todo dia em uma casa diferente”: trajetórias, sentidos e cotidianos laborais de diaristas. *Universitas Psychologica*. 12(4), 1125-1138.

DIEESE (2013). *O Emprego Doméstico no Brasil. Estudos e Pesquisas*. São Paulo: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos.

Diogo, M. F. (2005). *De balde e vassoura na mão: Os sentidos do trabalho para as mulheres que exercem suas funções no setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. (Dissertação de Mestrado não publicada), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Diogo, M. F. (2012). “*Só tem homem, pera né, eu também quero entrar nesse lugar*” Reflexões sobre a inserção de mulheres no segmento de vigilância patrimonial privada. Florianópolis, 2012. 259f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Gaulejac, V. de (2014). *A neurose de classe: trajetória social e conflitos de identidade*. Tradução de Maria Beatriz de Medina e Norma Takeuti. São Paulo: Via Lettera.

Girard-Nunes, C., & Silva, P. H. I. (2013). Entre o prescrito e o real: o papel da subjetividade na efetivação dos direitos das empregadas domésticas no Brasil. *Sociedade e Estado*, 28(3), 587-606.

Leite, R. P. (2010). A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea. *DADOS: Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro. 53(3), 737-756.

Machado, M. S. (2014). Trabalho remunerado e trabalho doméstico: conciliação? In: Ávila, M. B. & Ferreira, V. (Orgs). *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. Instituto Patrícia Galvão. (pp. 51-78). Recife: SOS CORPO

Marcondes, M. M. (2014). O dia deveria ter 48 horas: práticas sociais do cuidado e demandas das mulheres brasileiras por políticas públicas para a sua democratização. In Ávila, M. B. & Ferreira, V. (Orgs). *Trabalho remunerado e trabalho doméstico no cotidiano das mulheres*. Instituto Patrícia Galvão. (pp. 79-104). Recife: SOS CORPO,

Pais, José Machado (2010). *Lufa-lufa quotidiana*. Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Queiroz, M. I. P. (1988). Relatos orais: do 'indizível' ao 'dizível'. In: Von Simpson, O. M. (Org). *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. (pp. 14-43). São Paulo: Vértice.

Sato, L. & Oliveira, F. (2008). Compreender a gestão a partir do cotidiano de trabalho. *Aletheia*. (27), 188-197. Recuperado em 16 de julho de 2015, de

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942008000100014&lng=pt&tlng=es](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942008000100014&lng=pt&tlng=es)

Silva, A. P.; Barros, C. R.; Nogueira, M. L. M. & Barros, V. A. (2007). “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. *Mosaico: estudos em psicologia*. (1), 25-35.

Soares, D. H. P.; Costa, A. B (2011). *Aposentação: aposentadoria para ação*. São Paulo: Vetor.

Soares, D. H. P.; Sestren, (2007). A trajetória sócio-profissional. In: Lima, M.; Barros, D. (Orgs.). *Orientação Profissional: Teoria e Técnica* (pp. 81-96). São Paulo: Editora VETOR/ABOP.

Soratto, L. H. (2006). *Quando o trabalho é na casa do outro: um estudo sobre empregadas domésticas*. Tese (Doutorado em Psicologia)-Universidade de Brasília, Brasília.

Vidal, D. (2012). A afetividade no emprego doméstico. Um debate francês à luz de uma pesquisa realizada no Brasil. In: Georges, I. P.H.; Leite, M. de P. (orgs.). *Novas configurações do trabalho e economia solidária*. (pp. 173-192). São Paulo: AnnaBlume. 1ª edição.

Vigotsky, Lev S. (2007). O pensamento e a Palavra. In: Vigotsky, Lev S. Obras escolhidas. Tradução de Miguel Serras Pereira. (p. 313-373). Lisboa: Relógio D'Água Editores, (Originalmente publicado em 1934).

Zago, Nadir (2013). A entrevista e seu processo de constituição: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: Zago, Nadir; Carvalho, M. P. de; Vilela, R. A. T. (Orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação*. (pp. 287-309). Rio de Janeiro: DP&A.